

Quinta-feira, 14 de Abril de 2005 - Estrasburgo

Ajuda humanitária aos refugiados do Sara Ocidental

Gomes, em nome do Grupo PSE. - Em Março estive três dias nas tendas com outros deputados e vi as condições duríssimas de via aí. Mas nós viemos e eles ficaram lá e reforcei a convicção de que é premente que a União Europeia trabalhe para nos libertar da obrigação de continuarmos por muitos mais anos a ter que acorrer às mais elementares necessidades dos sarauís que sabem, que demonstram saber trabalhar, organizar-se e sobreviver nas mais inóspitas condições, se pudessem voltar e retomar o controlo do seu território ilegalmente ocupado por Marrocos.

A União Europeia não pode resignar-se, através da ajuda humanitária, a apaziguar a má consciência da comunidade internacional e dos seus Estados-Membros com particulares responsabilidades no processo obstruído de descolonização do Sahara. A União tem de intervir para pressionar a urgência de uma solução política no processo sob a égide das Nações Unidas. Bloqueado por Marrocos, ao recusar sucessivamente todas as mais contemporizadoras propostas feitas por James Baker, levando-o inclusivamente a demitir-se.

Os Estados-Membros não podem continuar a ignorar a questão de fundo e, em especial, aqueles que têm assento no Conselho de Segurança. O conflito diz directamente respeito à Europa e não apenas pelas responsabilidades históricas. Estão em causa interesses europeus.

Por um lado, o Sahara Ocidental poderia ser um fornecedor da Europa, se os seus fabulosos recursos naturais em petróleo, fosfatos, pescas e outros, pudessem ser legitimamente e sustentavelmente explorados, o que não acontece sob a ocupação ilegal. Por outro lado, a própria segurança europeia está em causa.

O Sahara Ocidental fica aqui ao lado e hoje já temos a obrigação de perceber os mecanismos de que se alimenta o terrorismo internacional. Pois que incitamento se transmite às novas gerações de sarauís, refugiados em Tinduff, resistindo no Sahara ocupado se não atirá-los aos braços dos radicais fundamentalistas, se a União Europeia, os Estados Unidos, o mundo árabe e o resto da comunidade internacional lhes nega o horizonte da resolução do conflito e os condenam ao desespero dos impotentes diante da injustiça, da violência e da destituição? Termino dizendo que a União Europeia precisa também de fazer compreender a Rabat que é do interesse marroquino pôr fim à ocupação ilegal do Sahara Ocidental.